

## DESTESTO ACORDAR CEDO

Após quase 30 anos trabalhando em turnos revezáveis e dois casamentos frustrados, aposentei-me. Talvez tantos anos de variação nos horários, tenha me causado sentimentos, estranhos para algumas pessoas. Não consigo entender as motivações da grande legião de matutinos que, lépidos, levantam-se da cama, fazem algumas flexões enquanto promovem sua higiene pessoal e trocam-se “mergulhando no guarda-roupa”. Saem para o dia, quase todos, para o trabalho ou escola, no mesmo período. Engarrafam os pontos de ônibus, as calçadas, as ruas, e quando desfilam o fazem em passos frenéticos. Ao final do dia repetem, só que no sentido contrário, a mesma jornada. Não sabem, por exemplo, que hoje a lua está mudando de crescente para cheia. Podem perder oportunidades únicas de compartilhar a história viva das pessoas. Como, por exemplo, a de Rosilda.

Nas noites das quintas-feiras gosto de ouvir música ao vivo no “Luar de Cuba”, um barzinho quase sossegado, não fosse o ritmo sensual da música e das garçonetes. Ali, Rosilda não se chamava Rosilda, mas sim Gisela. Nas primeiras vezes que eu estivera lá, ela foi uma das coisas que mais me chamou a atenção. Porém, estava sempre ocupada servindo mesas específicas. Mas, numa noite de inverno, com a casa quase vazia, ela veio atender-me. Normalmente era a própria Walda, dona do barzinho, quem me servia o uísque, com a quantidade certa de pedras de gelo. Ela também não gostava de ser chamada pelo próprio nome. Daí que era a Wal, apenas isso, mas com dábliu.

Nessa noite fria, Wal pediu a Gisela que levasse “meu néctar”, como eu chamava meu drinque, até a minha mesa. Sorrimos juntos quando nossos olhos se encontraram pela primeira vez de tão perto. Lá pelas tantas, algumas doses sorvidas, algumas músicas acompanhadas pelo meu coração, perguntei à Wal se poderia convidar Gisela para sentar-se comigo. Uma pequena solução financeira resolveu os problemas. Gisela retornou, desta vez sem avental, e assentou-se de frente para mim. “Tomás Herrera e los brujos” começavam a executar uma música romântica. Convidei-a para dançarmos. Quando seu corpo, que parecia em brasas, contrastou com a minha temperatura, ao nos unirmos na pequena pista de dança, me senti flutuar nas nuvens. Tomás, regularmente, alternava o ritmo das músicas, mas nesse momento, percebendo-nos, continuou a executar músicas lentas. No momento em que os instrumentos silenciaram, estávamos como que paralisados no meio da pista vazia e parecíamos ligados numa sintonia metafísica. Um leve toque de Wal no meu ombro me fez voltar à terra. Retornando à mesa, olhando nos olhos de Gisela, pedi a conta à Wal.

Nunca me preocupei com as condições de dirigir quando retornava do “Luar de Cuba”, porque tinha taxistas, já amigos, para me levar em casa. Naquela noite eu não precisei deles. Saímos para a rua, até o carro dela, que ficava estacionado defronte a uma loja de autopeças. Nos beijamos. A seguir, ela disse, inebriante “Você não quer continuar esse beijo gostoso?”. Em pouco tempo já estávamos em seu apartamento, pequeno, mas bem arranjado. Ela o alugara havia um ano. Depois, eu descobri coisas mais interessantes.

Quando acordei, olhei para um relógio de cabeceira e pensei “Oito horas da madrugada”. No entorno da cama Gisela não estava, mas poderia descrever, ainda hoje, cada um dos atos amorosos que havíamos desfrutado. Levantei-me e encontrei sobre a cômoda um bilhete que dizia “Se você souber esperar, eu volto para amar”. Na pequena cozinha, servi-me de bastante água gelada e de café fresco numa garrafa térmica. Rememorando as últimas horas, havia me entregado totalmente. Resolvi explorar o apartamento. Caminhei até a janela que dava vista para uma transversal da avenida. O mesmo de sempre da minha janela. Carros em fila, com pessoas dentro desperdiçando seu parco tempo de vida, movendo-se em centímetros de cada vez. Fechei as cortinas e pesquisei a estante.

Muitos livros: a segunda melhor coisa da vida. Filosofia, psicologia, religião, auto-ajuda, direito. Direito ? A indagação continuou pela série de apostilas de concursos públicos. Na curiosidade contínua abri as portinholas debaixo da estante. Mais livros, desta vez todos sobre histórias policiais. Noutra portinhola, acima da estante, um cadeado me impedia de abri-la. Um chaveiro que havia sobre a cômoda do quarto, me induziu a pensar na possibilidade de uma chave. Experimentei e uma delas abriu. No compartimento, penduradas ao fundo, duas pistolas semi-automáticas, uma de calibre 9 milímetros e a outra de 45. Ao lado, arranjados cuidadosamente, 25 pentes para recarga de ambos os calibres. Mais. Numa caixa de sapatos três granadas de mão. Tranquei tudo. Voltei ao quarto e enquanto muitas coisas passavam pela minha cabeça, resolvi verificar o guarda-roupa. Do lado esquerdo apenas roupas penduradas em cabides e, embaixo, nas gavetas, diversas outras. À direita, mais uma porta com cadeado.

Voltei ao chaveiro sobre a cômoda e a primeira chave serviu para abrir. Dois coletes à prova de balas, mais uma carteira de “Detetive Particular” em nome de Rosilda. Numa caixa de madeira, vários recortes de jornais. Retirei-a e depusitei-a sobre a cama, começando a folhear, a partir das mais antigas, as notícias recortadas, muitas delas amareladas pelo tempo. A primeira dizia “Motorista de caminhão é morto diante da família”. Lendo, rapidamente pude notar que o sobrenome do morto conferia com o da carteira de Detetive de Gisela, ou melhor, Rosilda. Resumidamente, quando Rosilda tinha 14 anos, dois homens armados haviam roubado o caminhão de seu pai numa cidadezinha do interior, matando-o no momento do assalto com um tiro na cabeça. Depois do disparo, um dos assassinos fugiu com o caminhão e o outro no carro em que haviam chegado à casa de Rosilda. No recorte seguinte uma manchete: “Jovem suicida resgatada com vida do rio”. A notícia dizia que, quando atendida, apresentava hipotermia e confusão mental. Após ter sido medicada havia sido liberada sem necessidade de observação. O recorte posterior mostrava em letras garrafais “Milagre salva moça de acidente: condutor morreu na hora”. Um automóvel fora atingido por um trem, incendiando-se, mas um bombeiro, transeunte, pudera resgatar a jovem. Tratava-se de Rosilda. Um outro recorte, de mais ou menos um ano, trazia a notícia de que a Polícia havia prendido integrantes de uma quadrilha. Com os ladrões, encontraram R\$ 80 mil e um caminhão que teria sido usado pelo bando, “acusado de realizar outros assaltos na região”. A seguir, uma folha de jornal inteira trazia uma entrevista de um ex-Secretário de Segurança. Uma parte do texto estava destacada com um círculo e dizia “quando alguém pratica um crime, se ele for primário, de bons antecedentes e tiver emprego fixo e residência certa, muitas vezes o juiz não decreta a prisão preventiva do cidadão”. Outro círculo, menor, colocava em destaque as palavras “excesso de prazo”. O recorte seguinte, de cerca de seis meses atrás, doutra cidade do interior, destacava: “Encontrado corpo em canavial”. No local do crime foram encontradas 16 cápsulas de arma calibre 9 mm e uma de 45 mm deflagradas, assim como sete projéteis de calibre 9 mm e outro de calibre 45 mm. O papel seguinte era um pedaço de página de uma revista de uma cidade turística, com o corte na frase “Não se torne um alvo fácil”.

Ainda intrigado com a sequência de recortes, tive minha atenção desviada pelo ruído do elevador se abrindo no hall. Enquanto ouvia os passos se aproximando da porta do apartamento, rapidamente guardei tudo, tranquei a porta e, quando punha o chaveiro de volta sobre a cômoda, percebi Gisela adentrando o quarto. Ela perguntou se eu havia lido seu bilhete, pelo que lhe respondi que sim. Noutra pergunta, queria saber se eu soubera esperar. Embora preocupado com as “minhas descobertas” recentes, pensando na recompensa prometida no bilhete, lhe respondi que sim. Ela sorriu e nos beijamos. Já na cama, quando abria minha camisa, ela parou de repente. Olhou-me nos olhos e disse com energia: “Você não soube esperar !”.

Levantando-se da cama, perguntou-me se sabia que “curiosidade pode matar” e afirmou que não era justo abusar da confiança das pessoas. Tentando dissimular, disse-lhe que não sabia do que ela estava falando. Não tive como refutar e assumi minha bisbilhotice, quando ela mostrou-me um pequeno pedaço de jornal amarelecido na cama.

Minha imaginação fertilizou-se, lembrando-me do “corpo no canavial”, porém as lágrimas brotando de seus olhos, me fez pedir-lhe perdão por invadir sua privacidade. Disse-lhe que, devido ao “calor da noite”, acordara cedo e, por estar apaixonado, resolvera ficar. Todavia, ousara dar vazão à minha curiosidade. Chorando, ela apontou a porta para mim. Tentei dissuadi-la, mas sem êxito.

Passei semanas, em vão, buscando falar-lhe. Havia desaparecido do barzinho e em seu endereço o porteiro dizia que ela não estava. Noutro dia, passei numa floricultura, comprei um ramalhete de rosas vermelhas e fui atrás dela. Ao chegar na portaria do seu edifício, anunciei que vinha entregar flores. Ela atendeu. Quando abriu a porta, disse-lhe que não importava o que houvesse ocorrido antes, que o importante para mim estava na nossa dança, nos nossos beijos, na nossa sintonia. E suas lágrimas voltaram a verter. Ao abraçá-la novamente senti meu coração disparar. Sentamo-nos na cama e ela disse-me, calidamente, “Confio em você e nem sei porque”. Prosseguiu, dizendo “Vou lhe contar minha história”. Valério Albisetti diz que “a maior dor para um ser humano é ser mantido fisicamente em vida com o espírito aniquilado, assassinado” e que “a profundidade de uma pessoa é alimentada pela linfa vital de seus aspectos mais escondidos, mais desconhecidos, dificilmente penetráveis”.

Gisela contou que, quando adolescente, havia visto seu pai ser assassinado. Sua mãe, de poucos recursos, mal tinha como sustentar a casa, embora fosse costureira. Tentara se matar, mas fora salva. Conhecera depois um rapaz da mesma cidade e engravidara de gêmeos (um menino e uma menina). Mas um acidente havia tirado a vida do jovem. Poucos meses após ter dado a luz às crianças, olhando para a situação de sua mãe, percebeu que havia bocas demais na casa. Decidiu tentar a sorte numa capital, vindo para cá. Buscou vários empregos e remetia a maior parte de seu salário, para sua mãe. Conhecera Leonardo, investigador amigo de Wal, e passara a trabalhar no “Luar de Cuba”. Ele, escutando a história do assassinato do pai de Rosilda, resolveu contatar um amigo que servia naquela região. Descobriu “gente da alta” envolvida numa quadrilha, que provavelmente poderia ter participado daquele crime, já que operava há bastante tempo. Por sua vez, Rosilda havia feito o supletivo e estudara para ingressar na polícia, conseguindo, finalmente, após um concurso para investigadores. Isso após um curso por correspondência, para Detetive Particular. Leonardo, durante as férias, havia viajado até a cidade natal de Gisela. Depois de contatar policiais na Delegacia de Investigações Gerais da região, conseguira indícios que correlacionavam o envolvimento de um empresário, de nome Jefferson, irmão de um traficante que se encontrava preso. Marcou um encontro com Jefferson, mas quando estavam numa rodovia, próxima a um canavial, ele apontara um revólver para Leonardo, mandando-o encostar à beira da estrada. Leonardo parou o carro e conseguiu dominar o agressor. A seguir, obrigou Jefferson, sob a mira de sua 9 mm, a caminhar para dentro do canavial. Ameaçado, confessou como a quadrilha operava, mas dizia ser somente testa-de-ferro. Leonardo perguntou sobre um roubo de caminhão, ocorrido há muitos anos. Inicialmente Jefferson negou, mas sob pressão disse que havia apenas ajudado o irmão, sem ter disparado um só tiro. Leonardo estava disposto a retornar com Jefferson para o carro, mas este puxou uma arma que trazia junto à meia. Leonardo atirou uma vez, duas, e não soube dizer a Rosilda quantas vezes mais. Assim que Gisela acabou de contar esta parte de sua história, as lágrimas fluíram mais de seus lindos olhos, começando a soluçar. Abracei-a bem forte.

Conseguindo dominar o choro, disse que Leonardo havia morrido numa ação contra traficantes e lhe deixara, antes, a 45 mm que tomara de Jefferson e o restante do “material” que havia encontrado na casa do irmão dele. A 9mm ela havia retirado da casa de Leonardo após a sua morte. Joseph Campbell afirmou que toda tragédia exige um rito compensatório para restabelecer a unidade, de uma pessoa, uma família, ou de uma sociedade, e que existe um nível de sabedoria, para além dos conflitos, entre ilusão e verdade, através do qual as vidas podem voltar a ser irmanadas. Encontrar esse nível é a questão primordial.

Rosilda disse-me que, naquela noite, iria dar plantão na delegacia e que me ligaria no dia seguinte. Pedi-lhe que me ligasse após o meio-dia. Ela concordou, nos beijamos, anotei o telefone da delegacia, e eu voltei para casa. Toda aquela história ficou latejando em minha cabeça. Liguei para Gisela, mas não era atendido. Resolvi ligar para a delegacia e, aí, tive outra surpresa. Ela não estava de plantão naquela noite. Decidi retornar ao seu apartamento. Ninguém em casa, me dizia o porteiro. Voltei preocupado. Liguei o computador. A manchete do portal acendeu uma faísca no meu cérebro: “Traficante escapa de prisão: possível facilitação de fuga”. A verdade eu só soube no dia seguinte. Fiorio, irmão de Jefferson, dirigia o carro de fuga quando uma forte ventania começou a fustigar a região. Impossibilitado de continuar, entrou numa rua, em Bauru. Adentrou uma casa desabitada. Rosilda o seguia numa distância segura em seu carro e parou a alguns metros da casa. Entrou no primeiro cômodo, silenciosamente. De lá podia ver Fiorio, sentado no centro de um outro cômodo. Enquanto ele observava o telhado, recebeu um golpe na nuca. Quando acordou, estava com as mãos e os pés atados, e a boca lacrada. Havia uma fogueira acesa com restos de madeira que estavam na casa. Como não consegui dormir direito, acordei cedo no dia seguinte e liguei o computador. Duas notícias me chamaram a atenção: “Apenas 20 minutos de chuva de granizo e ventania foram suficientes para deixar a cidade de Bauru um caos. Diversas pessoas ficaram desabrigadas e algumas até feridas, pois árvores também caíram e a cidade ficou por muito tempo sem luz e telefone”. “No início da noite, pouco antes das ruas ficarem cobertas com até cinco centímetros de gelo, ocorreu um incêndio numa casa de madeira, localizada na quadra 6 da rua Roberto Tutelli. O fogo foi visto pelos vizinhos, que tiveram dificuldades para acionar o Corpo de Bombeiros. Os cinco cômodos, todos de madeira, foram consumidos pelo fogo. A Polícia encontrou um corpo que, segundo os moradores, pode ser de algum mendigo que tentou se abrigar”.

Hoje acordei tarde. Aproveitando que Rosilda estava de folga, passamos a noite nos amando. Quando olhei para ela, vi que estava jogando no lixo os vários recortes que havia na caixa. O último deles, que eu ainda não tinha lido, era uma reportagem sobre incêndios. Lá dizia, entre outras coisas, que “uma das causas dos incêndios a residência é a negligência dos moradores em relação às instalações elétricas”. Preciso verificar se a fiação desse apartamento ainda está em boas condições. Acho que farei isso ainda hoje, porque amanhã vamos pegar as crianças na casa da mãe dela.

**Antonio José Cavalcanti Coelho**